

Queria não ter visto daquele homem, da primeira vez que entrou na loja, nada para além das mãos; lentas, intimidadas e grosseiras, movendo-se sem fé, grandes e ainda por tisonar, a pedirem desculpa do seu modo de agir desinteressado. Fez algumas perguntas e bebeu uma garrafa de cerveja, de pé, no extremo mais sombrio do balcão, com a cara virada — contra um fundo de alpargatas, o calendário, uns enchidos que o tempo esbranquiçara — para fora, para o sol do entardecer, para as alturas violáceas da serra, enquanto esperava pelo autocarro que o iria levar às portas do hotel velho.

Queria não lhe ter visto mais que as mãos, ter-me-ia bastado olhar para elas quando lhe dei o troco dos cem pesos: os dedos apertaram as notas, demoraram-se a alisá-las e depois, decidindo-se, fizeram uma bola achatada e esconderam-na com pudor num bolso do saco; ter-me-iam bastado aqueles movimentos sobre a madeira cheia de golpes que a gordura e a porcaria haviam invadido para saber que ele não ia curar-se, que nada conhecia onde pudesse ir buscar vontade para a cura.

Basta-me em geral vê-los e não me lembro de me ter enganado; fiz sempre as minhas profecias antes de me inteirar da opinião de Castro ou de Gunz, os médicos da vila, sem mais dado nenhum, sem necessidade de nada senão de os ver chegar à venda com as malas, com as suas diversas porções de vergonha e de esperança, de dissimulação e desafio.

O enfermeiro sabe que não me engano; quando vem para comer ou para jogar às cartas faz-me sempre perguntas a respeito das caras novas, ri-se comigo do Castro e do Gunz. Talvez o faça só para me lisonjear, talvez me respeite porque há quinze anos que aqui vivo e há doze que me arranjo com três quartos de pulmão; não sei dizer por que razão acerto, mas não é por causa disso. Olho para eles, às vezes apenas os escuto; o enfermeiro não entenderia, é possível que eu próprio também não compreenda: adivinho que importância tem aquilo que disseram, que importância tem aquilo que vieram buscar, e comparo uma coisa com a outra.

Quando este chegou na camioneta da cidade, o enfermeiro estava a comer numa mesa junto ao gradeamento da janela; senti-o a procurar-me com os olhos para descobrir o meu diagnóstico. O homem entrou com uma mala e um impermeável; alto, de ombros largos e curvados, cumprimentando sem sorrir porque ninguém daria crédito ao seu sorriso que se tornara inútil ou contraproducente havia muito tempo atrás, desde anos antes de ficar doente. Voltei a olhar para ele enquanto bebia a cerveja, virado para a estrada e para a serra; e observei-lhe as mãos quando manuseou as notas no balcão, à minha frente. Mas não foi à saída que pagou: interrompeu a bebida e veio lá do canto, vagaroso, inimigo sem orgulho da piedade, incrédulo, para me pagar e guardar as notas com aqueles dedos jovens, entorpecidos pela impossibilidade de dominar as coisas. Voltou à cerveja e àquela posição calculada dirigida para o caminho, para nada ver, querendo simplesmente não estar connosco como se nós, homens em mangas de camisa quase imóveis na penumbra do moribundo dia de primavera, formássemos um símbolo mais claro, menos iludível do que a serra que começava a misturar-se à cor do céu.

— Incrédulo — teria eu dito ao enfermeiro se ele fosse capaz de compreender. — Incrédulo — fiquei a repetir naquela noite a sós comigo. É isso; exactamente incrédulo, de uma in-

credulidade que ele próprio foi segregando com a atroz resolução de não se iludir. E, dentro da incredulidade, uma desesperação contida sem esforço, limitada espontaneamente, com pureza, à causa que a faz nascer e a alimenta, uma desesperação à qual já está acostumado, que conhece de cor. Não é que julgue impossível curar-se; não acredita é no valor, na transcendência de curar-se.

Devia ter os seus quarenta anos e havia nos seus gestos abandonos que denunciavam imaturidade. Quando ele saiu para apanhar a camioneta, o enfermeiro deixou de olhar para mim, ergueu o copo de vinho e virou-se para a janela.

— E este? Voltará pelo seu pé ou com as patas para a frente? Se está doente e vai para o hotel, é Gunz quem o atende. Hei-de perguntar-lhe.

Dizia isto por gracejo ou talvez a pensar em não deixar escapar as possíveis injeções. Ter-me-ia sido agradável sentar-me a beber com ele e dizer-lhe um pouco do que vira ou adivinhara. Tinha tempo: a camioneta não trouxera nenhum passageiro e era a hora em que nas casitas da serra se começava a planear o jantar. Apetecia-me conversar e o enfermeiro lançava-me o convite, a sorrir por sobre o copo e o prato. Mas não saí de trás do balcão; pus-me a limpar o pó de umas vasilhas e quase não falei.

— Está atingido, sim, não haja dúvida. Mas não é muito grave, não está perdido. E, no entanto, não se vai curar.

— Porque não se há-de ele curar se puder? Porque Gunz o há-de matar?

E eu também me ri; teria sido simples dizer-lhe que não se ia curar porque não lhe importava curar-se; o enfermeiro e eu tínhamos conhecido muita gente assim.

Encolhi os ombros e continuei com as vasilhas.

— É o que eu lhe digo — respondi.

Depois passei a vê-lo chegar do hotel na camioneta e esperar em frente da venda pela outra, a que ia para a cidade;

quase nunca entrava, continuava a usar as roupas que trouxera consigo, sempre com gravata e chapéu, distinto, inconfundível, sem aquelas calças franzidas, as alpargatas, as camisas e os lenços coloridos que os outros punham. Chegava depois do almoço, com o fato que usava na capital, obstinado, conservando o seu ar de solidão, ignorando os remoinhos de terra, o calor e o frio, despreocupado do bem-estar do seu corpo: defendendo-se com as roupas, o chapéu e os sapatos poeirentos da aceitação de estar doente e separado.

Soube pelo enfermeiro que ele ia à cidade enviar duas cartas nos dias em que havia comboio para a capital, e depois dos correios ia sentar-se à montra de um café, em frente à catedral, e ali bebia a sua cerveja. Eu imaginava-o, solitário e preguiçoso, olhando para a igreja tal como da minha loja olhava para a serra, sem lhes aceitar qualquer significado, quase para os eliminar, empenhado em deformar pedras e colunas, a escadaria obscurecida. Aplicado com uma doce e velha tenacidade em persuadir e subornar aquilo que estava olhando, para que tudo fosse intérprete do sentido do leve desespero que ele me tinha revelado na venda, o desconsolo que exibia sem o saber ou sem poder dissimulá-lo no caso de o ter sabido.

Fazia cerca de uma hora de viagem até à cidade para não enviar as cartas pela venda que também serve de correio; e fazia-o por culpa ou merecimento dessa rígida, obstinada vontade de não admitir, por fidelidade ao cândido jogo de não estar aqui e estar noutro lado, o jogo cujas regras estabelecem que os efeitos são infinitamente mais importantes do que as causas e que estas podem ser substituídas, aperfeiçoadas, esquecidas.

Não estava no hotel, não vivia na vila. Gunz não o aconselhara a ir para o sanatório; tudo isto se podia fazer desaparecer sempre que ele não entrasse na venda para mandar as cartas, sempre que as fizesse deslizar sobre a placa de borra-

cha do postigo que havia nos correios da cidade. A interrupção ficava reduzida a nada se em lugar de me entregar as cartas como toda a gente que vivia na vila presenciasse a queda do carimbo, manejado por uma mão monótona e anónima que se ia dissolver no punho abotoado de uma bata, uma mão variável que não correspondia a cara alguma, a par de olhos algum que desse a entender levar o cargo a sério e tirar ilações. O presente podia ser iludido se ele visse o carimbo a golpear os sobrescritos, a imprimir neles, junto às duas ou três palavras de um nome, o de uma capital de província, de uma cidade que pode visitar-se em negócios.

Porém, algumas vezes, ao voltar da cidade, ele entrava na venda para tomar outra cerveja. Acontecia isto em tardes de malogro, quando o nome de mulher que desenhara no sobrescrito se tornava incompreensível, de repente, no instante definitivo em que o carimbo se erguia e abatia com som brando e elástico. Nesse momento o nome não referia ninguém e fazia-lhe frente, ali na placa de borracha, arvesado e maligno, a insinuar que talvez fosse verdade a separação e as linhas de febre.

Eu via-o encher o copo e esvaziá-lo em silêncio, de perfil para mim, encostado ao balcão, combatendo a ideia de que nem mesmo os antepassados podem manter-se inalteráveis, de que os ouvidos mais toscos devem escutar o rumor de poeira que eles revolvem para poderem prosseguir, afastar-se, mudar, continuarem vivos. Ia-se embora antes de ficar bêbado e tomava o caminho do hotel.

Mas as cartas que lhe mandavam da capital era eu que as recebia na loja e remetia-lhas pelo miúdo dos Levy que fazia de carteiro embora não recebesse ordenado dos correios, apenas alguns pesos que o hotel, o sanatório e eu lhe pagávamos. Talvez o homem me julgasse interessado em gente e situações a ponto de descolar os sobrescritos e andar bisbilhotando sobre os diversos modos que têm as pessoas para não es-